

'This modern take on the Hepburn classic, *Roman Holiday*, is a quick, fun, slow-burn rom-com' ABBY JIMENEZ

# WHEN IN ROME



AUTHOR OF *THE CHEAT SHEET*

# SARAH ADAMS

PARCERIA

BWC



# WHEN IN ROME

SARAH ADAMS

## Aviso — bwc & wl

Essa presente tradução é de autoria pelo grupo Bookworm's Cafe. Nosso grupo não possui fins lucrativos, sendo este um trabalho voluntário e não remunerado. Traduzimos livros com o objetivo de acessibilizar a leitura para aqueles que não sabem ler em inglês.

Para preservar a nossa identidade e manter o funcionamento dos grupos de tradução, pedimos que:

- **Não publique abertamente sobre essa tradução em quaisquer redes sociais (por exemplo: não responda a um tweet dizendo que tem esse livro traduzido);**
- **Não comente com o autor que leu este livro traduzido;**
- **Não distribua este livro como se fosse autoria sua;**
- **Não faça montagens do livro com trechos em português;**
- **Se necessário, finja que leu em inglês;**
- **Não poste – em nenhuma rede social – capturas de tela ou trechos dessa tradução.**

Em caso de descumprimento dessas regras, você será banido desse grupo.

Caso esse livro tenha seus direitos adquiridos por uma editora brasileira, iremos excluí-lo do nosso acervo.

Em caso de denúncias, fecharemos o canal permanentemente.

Aceitamos críticas e sugestões, contanto que estas sejam feitas de forma construtiva e sem desrespeitar o trabalho da nossa equipe.



PARCERIA

BWC



# LANÇAMENTO

'This modern take on the Hepburn classic, *Roman Holiday*, is a quick, fun, slow-burn rom-com' **ABBY JIMENEZ**

# WHEN IN ROME



AUTHOR OF *THE CHEAT SHEET*

**SARAH ADAMS**

ÚNICO

# SINOPSE

Amelia Rose, conhecida como Rae Rose por seus adorados fãs, está esgotada por anos de manter sua imagem de “princesa do pop”.

Inspirada por seu filme favorito de Audrey Hepburn, *Roman Holiday*, ela dirige no meio da noite para uma pausa em Roma... Roma, Kentucky, quero dizer.

Quando Noah Walker encontra Amelia em seu gramado em seu carro quebrado, ele deixa claro que não tem tempo ou paciência para problemas com celebridades. Ele está muito ocupado administrando a loja de tortas que sua avó o deixou e lembrando seus vizinhos intrometidos, mas adoráveis, de cuidar de seus próprios negócios. Apesar de seu melhor julgamento, ele a deixa ficar em seu quarto de hóspedes - mas apenas até que seu carro seja consertado - então ela estará sozinha.

Então Noah começa a ver um lado diferente de Rae Rose - ela é Amelia: bondosa e pateta, mas solitária depois de anos sob os olhos do público. Ele não pode deixar de se aproximar dela. Em breve ela terá que retornar à sua vida glamorosa em turnê, mas até então, Noah mostrará a Amelia todas as charmosas experiências de cidade pequena que ela está perdendo, e ela o ajudará a abrir seu coração para mais.

Amelia não consegue resistir a se apaixonar pela cidade aconchegante e seu guia turístico mal-humorado, mas até Audrey teve que deixar Roma eventualmente.



# EPÍGRAFE

“Nasci com uma enorme necessidade de afeto e uma terrível  
necessidade de dá-lo.”

— Audrey Hepburn



WHEN IN  
ROME

SARAH ADAMS

# CAPÍTULO 1

## Amelia

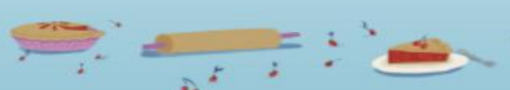
*Está tudo bem, certo? Eu estou bem?*

Respiro fundo e aperto meus dedos um pouco mais ao redor do volante.

— Sim, Amelia, você está bem. Você está fantástica, na verdade. Você está igual a Audrey Hepburn, tomando o destino em suas próprias mãos, eeeee... você está falando sozinha... então talvez não esteja completamente bem, mas dadas as circunstâncias, mais ou menos — digo, estreitando os olhos em direção à estrada escura do outro lado do meu para-brisa. — Sim. Mais ou menos é bom.

Exceto que está completamente escuro, e meu carro está fazendo esse barulho que soa como moedas soltas na máquina de lavar. Não sou um gênio sobre carros, mas acho que não é um bom som para fazer. Meu pequeno Toyota Corolla favorito, o carro que está comigo desde o ensino médio, o carro em que estava quando ouvi minha música pela primeira vez no rádio aos dezoito anos, o carro que dirigi até a Phantom Records e assinei meu contrato de gravação há dez anos está atingindo seu prazo de validade. Ele não pode morrer, ainda tem o cheiro das minhas velhas joelheiras de vôlei.

*Não, hoje não, Satanás.*



Esfrego o painel como se houvesse um gênio escondido lá dentro esperando para sair e me conceder três desejos. Em vez de desejos, ganho uma perda de sinal de celular. A música que estou transmitindo é cortada, e meu Google Maps não está mais registrando a pequena seta que deveria me levar para fora dessa estrada do meio do nada, o lugar perfeito para um assassino.

Caramba, isso parece o começo de um filme de terror. Acho que sou a garota do filme, aquela que as pessoas gritam “você é uma idiota!” enquanto migalhas de pipoca sujam os seus rostos. Oh meu Deus, isso foi um erro? – Receio ter deixado minha sanidade em casa em Nashville junto com meu portão de ferro e o sistema de segurança de Fort Knox. E Will, meu fabuloso segurança que fica do lado de fora da minha casa e impede as pessoas de entrarem sorrateiramente na minha propriedade.

Mais cedo esta noite, minha empresária, Susan, e sua assistente, Claire, me atualizaram com informações sobre minha agenda lotada para as próximas três semanas antes de partirmos em uma turnê mundial de nove meses. O problema é que acabei de terminar meu último dia de um cansativo ensaio de três meses para a turnê. Quase todos os dias dos últimos três meses foram dedicados a aprender a coreografia do show, mapear o palco, refinar o setlist, exercícios rigorosos e ensaiar as músicas, tudo isso sorrindo e fingindo que por dentro não me sentia uma pilha de compostagem.

Fiquei em silêncio enquanto Susan falava e falava, seu dedo longo, esbelto e perfeitamente pintado percorrendo uma tela de iPad cheia de notas de programação. Anotações de agendamento que deveria me sentir animada ao ouvir. Honrada, na verdade! Mas em algum lugar no meio disso, eu... desliguei. Sua voz assumiu o tom de *wah, wah, wah* no estilo do desenho de Charlie Brown e tudo que podia ouvir era meu próprio coração batendo em meus



ouvidos. Alto e doloroso. Fiquei absolutamente entorpecida. E o que mais me assustou foi que Susan nem pareceu notar.

Isso me faz pensar se sou muito boa em me esconder. Meus dias são assim: sorrio assim para essa pessoa e aceno com a cabeça. *Sim, obrigada.* Sorrio assim para aquela pessoa e aceno com a cabeça. *Sim, claro que posso fazer isso.* Susan me dá um roteiro perfeitamente elaborado da minha equipe de relações-públicas e o memorizo. *Minha cor favorita é azul, muito parecida com o vestido da Givenchy que vou usar no Grammy. Porque sim, devo muito do meu sucesso à minha mãe amorosa e dedicada. Não passa um dia que não me sinta incrivelmente abençoada por ter essa carreira e meus fãs incríveis.*

*Educada, educada, educada.*

Uma gota quente de lágrima cai na minha coxa e percebo que estou chorando. Não acho que deveria estar chorando pensando nessas coisas. Fui duas vezes vencedora do Grammy e tenho um contrato assinado de noventa milhões de dólares com a maior gravadora do ramo, então não deveria estar chorando. Não mereço estar chorando. Definitivamente não deveria estar no meu carro velho no meio da noite dirigindo freneticamente para longe de tudo. A lista de pessoas que vou decepcionar passa pela minha mente como um pergaminho, e mal consigo suportar a culpa. Eu *nunca* faltei a uma entrevista antes. Odeio decepcionar as pessoas ou agir como se meu tempo fosse mais valioso que o deles. No início da minha carreira, jurei que nunca teria um ego grande. É importante para mim ser a mais flexível possível, mesmo que doa.

Mas algo sobre as palavras de despedida de Susan esta noite me destruiu.



— Rae... — porque ela prefere me chamar pelo meu nome artístico ao invés do meu nome verdadeiro, que é Amelia — Você está parecendo cansada. Durma um pouco mais esta noite para não ficar inchada nas fotos dos bastidores da entrevista da *Vogue* amanhã. Embora... o olhar exausto esteja na moda novamente... — Ela olhou pensativa para o teto e meio que esperava que o próprio Deus lhe enviasse uma resposta sobre as olheiras sob meus olhos. — Sim, esqueça que eu disse algo! Vai despertar a simpatia de seus fãs e fazer um pouco mais de burburinho.

Ela se virou e saiu – sua assistente, Claire, parando apenas brevemente para me lançar um último olhar hesitante por cima do ombro. Ela abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa, e me encontrei esperando desesperadamente que ela dissesse. *Me enxergue, por favor.*

— Boa noite — ela finalmente disse e então saiu.

Fiquei sentada no silêncio por tanto tempo me perguntando como me deixei chegar a este ponto. E como faço para sair dessa casca que criei acidentalmente? Esse sentimento de vazio começou a me encontrar há alguns anos, e esperava que fosse porque estava cansada do estilo de vida de Los Angeles e precisava de uma mudança. Fiz as malas e me mudei para Nashville, Tennessee, onde ainda podia estar no cenário dos negócios da música, mas não com uma vida de alto nível. Não funcionou. O vazio me seguiu.

Algumas pessoas recorrem à família para questões como essa, algumas recorrem aos amigos e algumas recorrem a apostas. Mas me volto para a única pessoa que nunca me decepciona: Audrey Hepburn. Esta noite, fechei meus olhos e passei meu dedo sobre minha coleção de capas de DVD da Audrey (sim, ainda possuo um aparelho de DVD) enquanto jogava um jogo de uni-duni-tê até que cheguei em *A Princesa e o Plebeu*. Parecia desastroso. No filme,



Audrey faz o papel da princesa Ann, que estava se sentindo como eu – sozinha e oprimida – e ela escapa pela noite para explorar Roma. (Bem, mais como vaguear pela noite, já que ela está louca com um sedativo para dormir, mas isso não é aqui nem lá.)

E de repente, foi isso. A resposta que estava procurando. Precisava me afastar daquela casa, de Susan, de minhas responsabilidades, de absolutamente tudo, e fugir para Roma. Exceto que a Itália é muito longe para viajar quando tenho que sair em turnê em três semanas, então me contentei com a Roma mais próxima que o Google Maps poderia me dar. *Rome, Kentucky*. Exatamente duas horas de distância da minha casa com uma adorável pequena pousada no coração de sua cidade de acordo com o Google. Lugar perfeito para juntar minhas coisas e superar um colapso.

Então fui para minha garagem com três carros, passei pelos outros dois veículos caros que possuo e puxei a lona do carro velho e doce que mantive guardado nos últimos dez anos. Liguei e parti em busca de Rome.

E agora estou em uma estrada assustadora e acho que parte do entorpecimento emocional está desaparecendo porque estou começando a ver como essa ideia é ridícula. Em algum lugar no céu, Audrey está olhando para baixo com sua auréola e balançando a cabeça para mim. Olho para a tela brilhante do meu telefone. As palavras *sem sinal* estão coladas onde as barras de sinal geralmente ficam, e juro que essas palavras estão de alguma forma piscando para mim. Me provocando. *Você fez uma má escolha. Agora você pode ser a próxima história nas páginas baratas de fofoca.*

Eu engulo e digo a mim mesma que ficarei totalmente bem. Sem problemas. Tudo está bem.



— Seque suas lágrimas e chute essa atitude pessimista de si, Amelia! — Digo em voz alta para mim mesma porque com quem mais uma garota fala quando está sozinha no carro no meio de um colapso mental?

Eu só preciso que meu carro continue andando por mais dez minutos até sair dessa estrada assustadora para caralho e chegar na pequena cidade. Há postes de luz, e espero que não haja um assassino em série Hillbilly-Joe esperando para jogar meu corpo em uma vala em algum lugar.

Mas, oh, espera só? Meu carro assumiu um novo som de crepitação e está sacudindo... literalmente *sacudindo* como se fosse o início dos anos 2000 e instalei um sistema hidráulico pela primeira vez na história. Tudo o que preciso são luzes roxas embaixo do meu carro e estou pronta para viajar no tempo<sup>1</sup>!

— *Não, não, não* — imploro para meu carro. — *Não faça isso comigo agora!*

Mas ele faz.

Meu carro faz uma parada capenga e altamente indigna no acostamento da estrada escura como breu. Freneticamente tento ligar o motor novamente, mas ele não está funcionando. Uma série de ruídos é tudo o que faz. Minhas mãos ainda estão firmemente presas no volante e olho para a noite imóvel enquanto a realização se instala sobre mim. Tentei fazer isso sozinha sem a ajuda de Susan para *uma* aventura e falhei na primeira noite, duas horas depois. Se isso não é a coisa mais patética que você já ouviu, não sei o que é. Claro, posso cantar em um palco na frente de milhares,

---

<sup>1</sup> Referência ao filme “De Volta para o Futuro”.



mas não posso fazer algo tão simples como dirigir sozinha até um estado.

Como não há nada que possa fazer a não ser sentar-me no meu carro e esperar até de manhã quando o sol nascer e eu puder ver claramente se alguém está segurando uma motosserra ensanguentada em minha direção ou não, deito minha cabeça contra o banco e fecho meus olhos. Deixei a derrota me levar. Amanhã de manhã, darei um jeito de ligar para Susan. Farei com que ela mande um carro e me forçarei a sair desse clima melancólico.

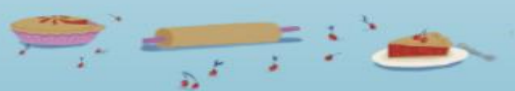
*Toc, toc, toc.*

Eu grito e pulo no meu assento, batendo o topo da minha cabeça no teto. Olho pela janela, e oh merda, tem alguém parado do lado de fora do meu carro! É isso. Este é o momento em que serei assassinada, e depois que a verdadeira história da minha morte for ao ar no *E!News Hollywood*, tudo pelo que serei lembrada é a minha terrível morte no milharal.

— Tudo está certo? Você precisa de ajuda? — vem a voz abafada do homem do lado de fora do meu carro. Ele acende uma lanterna pela minha janela, me cegando temporariamente.

Eu levanto minhas mãos para proteger meus olhos da luz, e dificulto sua visão para que ele não me reconheça.

— Não, obrigada! — grito pela minha janela fechada, meu coração batendo descontroladamente contra minhas costelas. — Estou bem! N-não preciso de ajuda! — Definitivamente não de um homem estranho no meio da noite.



— Tem certeza? — ele diz, finalmente percebendo que estava perfurando meus olhos com sua lanterna e afastando-a do meu rosto. Ele tem uma voz bonita, admito isso. Uma espécie de voz estrondosa e macia ao mesmo tempo.

— Tenho certeza! — digo em um tom alegre, porque tudo ao meu redor pode estar desmoronando, mas pelo menos ainda sei como ser graciosa. — Tudo sob controle! — Faço o sinal de joinha com a mão para reforçar.

— Parece que seu carro quebrou.

Eu não posso admitir isso! Basicamente estaria dizendo a ele que sou um alvo fácil. *Meu telefone também está sem sinal! Você gostaria que eu saísse para que você pudesse me sequestrar ou seria mais divertido para você quebrar a janela? Escolha sua própria aventura!*

— Não. Apenas... fazendo uma pausa por um minuto. — Sorrio tensa, mantendo a maior parte do meu rosto virado, esperando que ele não perceba que uma artista que vale milhões está sentada neste Corolla surrado.

— Seu motor está fumegando. — Ele aponta a lanterna para a densa nuvem de fumaça saindo de debaixo do capô do meu carro. Isso não pode ser bom.

— *Oh...* sim — digo o mais casualmente possível. — Isso às vezes acontece.

— O motor do seu carro costuma sair fumaça?

— Mm-hum.

— Não consigo te ouvir.



— Mm-hmm — digo mais alto e mais alegre do que antes.

— Certo. — Ele claramente não está comprando minha história. — Olha, acho que você precisa sair. Não é seguro ficar dentro de um veículo que está saindo fumaça.

Ah! Ele gostaria disso, não é? Bem, de jeito nenhum vou sair deste carro. Mesmo que ele tenha uma voz bonita.

— Não, obrigada.

— Não vou te matar se é isso que você está pensando.

Eu suspiro e olho para o homem de silhueta envolta de sombras.

— Por que você diria isso? Agora realmente acho que você vai me matar.

— Foi o que eu pensei — diz ele, parecendo irritado. — O que preciso fazer para provar que não sou um assassino?

Minha testa franze quando penso nisso.

— Nada. Não há como provar isso.

Ele resmunga baixinho e caminha até a frente do meu carro, parando na frente das luzes. Posso vê-lo agora, e *uau*. Hillbilly Joe com certeza se parece muito com o Ken lenhador. Ele está vestindo jeans e uma camiseta branca simples. Seu cabelo loiro arenoso é cortado mais curto nas laterais, mas tem um pouco de volume no topo. Uma barba curta e desalinhada cobre sua mandíbula forte, e deixe-me dizer, combina muito bem com os ombros largos, corpo magro e bíceps que saltam sedutoramente quando ele bate no capô



do meu carro. Todo o efeito é... robusto de uma forma que me faz desejar que meu ar-condicionado esteja funcionando.

— Você pode abrir o capô para que eu possa ter certeza de que nada está pegando fogo?

Uh-uh. Lamento, mas não. Sexy ou não, de jeito nenhum vou abrir esse capô. E se ele... bem, honestamente, não sei nada sobre carros e não tenho ideia do que ele poderia fazer para piorar essa situação, mas tenho certeza de que ele pode fazer alguma coisa.

— Obrigada, mas não preciso de sua ajuda! Vou esperar até de manhã e chamar um guincho — grito alto o suficiente para ele me ouvir.

Ele cruza os braços.

— Como você vai chamar um guincho? Não temos sinal de celular aqui.

Bem, merda. Ele me pegou.

— Não se preocupe com isso. Vou descobrir. Você pode voltar para onde quer que você tenha vindo agora. — Provavelmente um arbusto próximo, onde ele esperará para me atacar assim que sair do meu veículo seguro. E sim, percebo que estou sendo um pouco paranoica, mas quando você está acostumada com perseguidores tentando escalar a cerca do lado de fora de sua casa, quem fingem ser um encanador para passar pela sua segurança e/ou enviam mechas de seus cabelos pedindo que você as coloque debaixo do travesseiro à noite, você tende a desenvolver uma sensação de paranoia em relação a estranhos. É por isso que NUNCA deveria ter saído de casa sozinha. Preciso aceitar o fato de que não sou mais apenas eu e nunca mais serei.



Ken lenhador não vai embora. Ele volta para a minha janela e se inclina novamente, uma mão firmemente plantada acima da minha porta, me mostrando a quão ampla é sua estrutura.

— Um motor fumegante não é bom. Você precisa sair. Prometo que não vou te machucar, mas você vai se machucar se este carro pegar fogo. Prometo que sou uma pessoa confiável.

— Isso é o que todos os assassinos dizem... antes de matar alguém.

— Encontrou muitos assassinos na vida?

*Um ponto para o Ken lenhador.*

Eu sorrio e tento soar o mais gentil possível.

— Desculpe, mas... você pode simplesmente ir embora? Realmente, não quero ser rude, mas... você está meio que me deixando nervosa.

— Se eu for embora, você vai sair?

Eu dou uma risada nasalada.

— Definitivamente não agora! De onde você veio afinal?

O homem acena para o outro lado do meu carro e não parece nem um pouco impressionado quando diz:

— Você está no meu jardim da frente.

*Oh.*



Eu me viro e, com certeza, estou parada em um jardim da frente. *Seu* jardim da frente, aparentemente. Não posso deixar de sorrir para a casa fofa. Pequena. Branca. Persianas pretas. Duas luzes ao lado da porta da frente e um balanço pendurado na varanda da frente. Grande terreno expansivo ao seu redor. Parece caseiro.

— Acho que já sei a resposta — diz ele —, mas você quer entrar e ligar para alguém? Tenho um telefone fixo.

Rio tão alto com sua sugestão que ele estremece. Oh Deus, isso foi rude. Limpo minha garganta.

— Desculpe. Não. Obrigada... Mas não — digo solenemente desta vez.

— OK. Como quiser. Se você precisar de alguma coisa e decidir que não sou um assassino, estarei lá. — Ele gesticula em direção à casa e se levanta novamente. Observo enquanto ele atravessa seu longo jardim da frente e sua sombra desaparece dentro da casa.

Depois que ele fecha a porta da frente, suspiro de alívio e afundo no meu assento, tentando não me preocupar com a fumaça ainda saindo do motor do meu carro, ou com o calor que está aqui, ou que estou com fome, ou que realmente preciso fazer xixi, ou quão desapontada Susan vai ficar comigo quando ela perceber que não vou aparecer naquela entrevista de manhã.

Eu não estou bem. Tudo definitivamente *não* está nada bem.



## CAPÍTULO 2

### Noah

Ela ainda está lá fora. Já se passaram vinte minutos, e ela ainda não abriu a porta. E, sim, estou a observando de forma esquisita da minha janela agindo como o psicopata que ela pensa que sou. Não sou um psicopata, para que conste – embora não tenha certeza de que minha opinião realmente conta nessa situação. Estou um pouco preocupado que ela vai morrer esta noite, no entanto. Está 26 graus lá fora e ela não está permitindo que nenhuma ventilação entre seu carro. Essa mulher vai se sufocar lá fora.

*Que seja, não é problema meu.*

Eu deixo as persianas se fecharem e me afasto da janela.

E então volto e as abro novamente.

*Droga, saia do carro, mulher.*

Eu olho para o relógio. 23:30. Faço uma oração para quem estiver ouvindo lá em cima para que Mabel não fique muito chateada comigo quando ligar e acordá-la. Depois de discar o número dela, tenho que esperar seis toques antes que sua voz áspera de quarenta anos de fumo, mas que parou recentemente, atenda.

— Quem é?



— Mabel, é o Noah.

Ela resmunga um pouco.

— O que você quer, filho? Já estava cochilando na minha cadeira durante a noite, e você sabe que tenho insônia, então é melhor que seja bom.

Eu sorrio.

— acredite em mim, Mabel, não estaria perturbando seu sono de beleza a menos que fosse uma emergência.

Ela banca a durona, mas seu coração é molenga para mim. Mabel e minha avó eram melhores amigas – mais como irmãs, na verdade. E como minha avó foi quem criou a mim e minhas irmãs, Mabel sempre nos tratou como família também. Deus sabe que agimos como parentes. Nós parecemos diferentes, Mabel é negra e eu sou branco, mas nós dois compartilhamos a mesma antipatia geral pelas pessoas que trabalham em nosso negócio. (E, no entanto, ela está sempre mais do que feliz por meter o nariz nos meus negócios.)

— Emergência? Noah, não me enrole. Sua casa está pegando fogo, filho? — Ela me chama de “filho” desde que eu usava fraldas e continua a me chamar, apesar de eu ter trinta e dois anos. Eu não me importo. É reconfortante.

— Não, senhora. Preciso que você fale com uma mulher por mim.

Ela tosse com descrença.

— Uma mulher? Querido, é bom saber que você está no mercado de novo, mas só porque você está sozinho no meio da



noite não significa que eu tenha uma lista de mulheres na discagem rápida prontas para...

— Não — digo com firmeza antes que ela continue com o que tenho certeza de que seria uma série de palavras que nunca quero ouvir sair de sua boca. — A mulher está no meu jardim da frente.

Ouçó o ranger de uma cadeira e imagino Mabel fechando sua cadeira reclinável da EZ Boy, se sentando ereta.

— Noah, me diga agora, você está bêbado? Tudo bem se você estiver, eu não sou do tipo que julga, você sabe disso. Fiz muitas das minhas melhores escolhas depois de uma noite com doses de Jack Daniel's, mas preciso que você ligue para James ou uma de suas irmãs quando estiver bêbado, não...

Ela vai continuar se eu não a parar.

— Mabel, o carro de uma mulher quebrou no meu jardim e o motor está saindo fumaça, mas ela está com medo de sair porque acha que vou machucá-la. Preciso que você aja como minha referência de caráter para que ela tire sua bunda de lá. — Eu ligaria para uma das minhas irmãs, mas elas definitivamente diriam algo estranho sobre quanto tempo fazia desde que dormi com alguém e depois perguntaria à mulher qual é o status de relacionamento dela. Definitivamente não vou ligar para elas. Definitivamente, eu não me importo com o status de relacionamento dessa mulher.

— Oh, bem, querido, porque você não disse isso antes! Vá lá e deixe-me falar com a pobre garota! — Eu ouço um tom de animação na voz de Mabel que não aprecio ou não quero encorajar. Esta cidade inteira tem estado nas minhas costas ultimamente para que eu tente namorar de novo, mas não estou interessado.



Gostaria que eles me deixassem em paz e me deixassem viver em paz, mas esse não é o estilo deles. E agora que penso nisso, não tenho tanta certeza de que Mabel não vá dizer algo parecido com o que minhas irmãs diriam.

Espio pelas persianas novamente e vejo a mulher se abanando agressivamente com a mão. Juro, se tiver que chamar um paramédico e passar a noite inteira no hospital perdendo o sono com essa mulher estranha porque ela deu um piripaque lá fora, nunca vou abrir minha porta da frente novamente. Eu estou no modo de “*se mais uma mulher destruir minha vida*”, vou tampar todas as minhas janelas e me transformar em um eremita que grita palavrões para as serenatas de natal.

— Não encha sua cabeça com ideias, Mabel. Isso não é uma coisa romântica. Só não quero que ela morra no calor lá fora.

— Mm-hum. Ela é bonita?

Eu belisco a ponta do meu nariz e fecho meus olhos com o aborrecimento crescendo em minha espinha.

— Está escuro como breu lá fora. Como eu saberia disso?

— Oh, por favor. Eu lhe fiz uma pergunta. Espero uma resposta.

Eu gemo.

— Sim. — Tão linda. Só dei uma breve olhada nela com minha lanterna, mas o que vi me fez pensar duas vezes. Ela tinha cabelos escuros empilhados em um coque na cabeça, um sorriso bonito, cílios grossos e olhos azuis cortantes. O estranho é que sinto que a conheço, embora nunca tenha visto o carro dela na cidade antes. Deve ter sido um daqueles casos estranhos de déjà vu.



PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "When In Rome Sarah Adams" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).